

## A METANARRATIVA DA FÉ E O COMPROMISSO COM A NOTÍCIA

Sara Arrebola de Moraes Presoto<sup>1</sup>

Quão apartado está o homem do seu trabalho? Qual a distância dos seus valores, princípios, crenças, da profissão que o mesmo exerce? Você já se fez esse questionamento? Estão, sua vida pessoal e profissional, caminhando no mesmo sentido? Falando a mesma língua?

Médicos, advogados, empresários, engenheiros, jornalistas entre tantas outras profissões. Qual o problema em prescrever um remédio a qual se tem bonificações? Qual o pecado em defender o assassino que cometeu um crime cruel? Afinal todos não temos os nossos direitos de nos justificar perante a lei? Qual o mal em supervalorar um produto ou serviço se tem quem o paga? Por que não sonegar impostos? Especificar um item inferior? E por que não apelar para manchetes sensacionalistas para que o veículo seja mais atrativo para o público e consequentemente converta em mais contratos comerciais?

Este presente estudo vai dissertar sobre a metanarrativa da fé e o compromisso com a notícia. Como um jornalista cristão se porta em meio às suas incumbências em uma redação, independente de qual seja o veículo de comunicação em questão, televisivo, radiofônico, impresso ou virtual.

Em síntese, o jornalismo tem o papel de comunicar uma notícia. E o que é a notícia? Um fato novo de interesse social. Para isso, aprende-se na academia que essa mesma notícia, deve ser transmitida de forma imparcial e isenta. O jornalista persegue a verdade (ou pelo menos deveria fazê-lo) e se empenha para montar o quebra-cabeça antes de transmitir a mensagem descoberta. Para isso ele recorre às fontes diversas e confiáveis, entrevista personagens e através de enquetes, apela para diversas opiniões públicas, pontos de vista de especialistas das mais variadas áreas. A própria forma de redigir o texto, visa um distanciamento do fato transcorrido. O jornalista precisa despir-se das suas crenças, valores, visões de mundo, para não “interferir” e não dar conotações que favoreçam algum lado, ou macule outro. E isso

---

<sup>1</sup> Jornalista, atriz, licenciada em letras e graduanda em teologia pela Unifil. E-mail: sarapresoto@icloud.com

não é tarefa simples. A própria escolha das palavras é um desafio. Cada vocábulo tem um universo próprio, particular. Mesmo os sinônimos podem, por vezes, dar conotações dúbias e deixar a matéria parecendo tendenciosa.

O grande paradigma do jornalista cristão está em preservar suas crenças e ao mesmo tempo cumprir com eficiência seu trabalho. O fato é que ele não está livre da subjetividade que o ronda e muito menos isento de pautas que podem lhe render certos desconfortos. Não há a possibilidade de se escolher o assunto que você vai tratar. Os temas, levantados em reuniões de pauta e definidos pela editor-chefe, são lhe atribuídos, sem qualquer tipo de hipótese do repórter demonstrar aptidão, interesse ou repúdio pelo mesmo. Assim funciona em uma redação de jornalismo factual. Aquele que trata das últimas notícias diárias.

O mesmo vale para programas de entretenimento, que abordam conteúdos variados e muitas vezes polêmicos. Temas que vão de encontro às crenças cristãs como: ideologia de gênero, feminismo, aborto, liberdade sexual, política entre tantos outros. Como conduzir sem ferir seus próprios valores? Como tratar de assuntos controversos quando não há a possibilidade de se posicionar ou simplesmente abster-se?

Existem linhas editoriais em que o jornalista apenas intermedia um debate, sem expressar seu ponto de vista. Em outros, ele pode prestar algumas considerações. Mas há também aquele em que, mais uma vez, dependendo da linha editorial do veículo de comunicação em questão, o jornalista pode conduzir e imprimir suas ideias, conduzindo a matéria/entrevista/reportagem de acordo com suas concepções. Imprimindo teses, teorias e conceitos que vão direcionar o leitor/telespectador/ouvinte ou seguidor para uma vertente sólida.

É fato que os veículos de comunicação influenciaram gerações em diversos momentos da história. No Brasil, o poder da mídia elegeu presidentes, estimulou impeachment, persuadiu atos, comportamentos em massa. Como se uma espécie de indução coletiva tomasse conta da população. Na década de 80 e 90, com a hegemonia de um único veículo televisivo, o que aparecia na tevê era a “verdade” para a grande massa. Salvos poucos letrados que se opunham ao monopólio da fábrica de notícias.

Com o crescimento, surgimento e fortalecimento de outras emissoras, a “verdade” se dividiu em muitas. Canais abertos (gratuitos, o famoso broadcast), canais fechados, os conteúdos “*on demand*”. E se fracionou ainda mais com o advento da internet e redes sociais. Agora, não há mais uma, nem dezenas, mas milhões de facetas da verdade. Cada um pode ter a sua. Seu canal, suas redes sociais, sua página. E lá não há um compromisso. Não há mais critérios, exigências, comprometimento com conteúdos, responsabilidade sobre o impacto de se noticiar algo. Cada indivíduo propaga o que quer, da maneira que desejar, estando ele certo, ou lançando mentiras para confundir ainda mais as pessoas. Seja por ignorância ou intencionalmente. A famosa “*fake news*” se alastrou pelo mundo. Da mesma forma, cada sujeito é livre para seguir, compactuar ou desaprovar quem quiser. A internet virou “terra de ninguém”. E o mundo se tornou morada do “eu”.

O indivíduo pós-humanista sequer crê que verdade exista. As expressões “certo e errado” se tornaram opressivas e prejudiciais à sua autoestima. Surge então o célebre “trunfo da terapêutica”. Não há mais espaço para uma verdade absoluta, muito menos para uma metanarrativa bíblica que aponte o pecado, a perdição, a justiça. Visando se encaixar, a própria teologia se reduz em terapia. O pastor vira *coach*. E a autenticidade do ser humano e seu bem-estar são o foco desta nova geração.

O teólogo e escritor batista, Albert Mohler Jr. (2009) em um de seus artigos publicados no site Ministério Fiel alegou:

a Bíblia é submetida à uma reinterpretação radical, geralmente com pouca ou nenhuma consideração pelo significado óbvio do texto ou pela intenção evidente do autor humano. Os textos que não agradam a mente pós-modernista são rejeitados como opressivos, patriarcais, heterossexuais, homofóbicos ou deturpados por outros preconceitos ideológicos ou políticos. A autoridade do texto é negada em nome da libertação, e as interpretações mais fantasiosas e ridículas são celebradas como “convincentes” e até mesmo “autênticas”.

Não há vez para a proclamação do evangelho. A verdade, que para cristãos é eterna, permanente e universal, passa por uma reciclagem e adaptação para se tornar conveniente para a sociedade pós-humanista. Há então, a necessidade de uma

desconstrução da verdade para a tão almejada liberdade. Constata-se uma queda da autoridade, um afastamento da moralidade, uma descrença no Deus bíblico.

Porém para o cristianismo, não há possibilidade de se desvencilhar da metanarrativa da fé que é a metanarrativa da redenção. Como verdadeiros cristãos, independentemente da profissão exercida, o dever é cumprir em primeiro lugar o que é estabelecido por Deus.

Isso não é, de maneira alguma, uma apologia a abandonar seu trabalho, mas um incentivo a se posicionar. Na primeira carta de São Paulo para os Coríntios, o apóstolo destaca “Todas as coisas me são lícitas, mas nem tudo me convêm; todas as coisas me são permitidas, mas nem todas as coisas edificam. Ninguém busque o proveito próprio; antes cada um o que é de outrem.” 1 Coríntios 10:23;24

Se em um mundo vencido pela falta de princípios, imoralidade e mentiras, cabe aos seguidores de Jesus, especialmente aos que fazem parte dos veículos de imprensa, deixar clara “A Verdade”. Isso é ser sal da terra e luz do mundo. É papel da Igreja e dever do cristão.

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA: **Antigo e Novo Testamentos**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

MOHLER JR, Albert. **O ministério pastoral está mais estranho do que costumava ser**: o desafio do pós-modernismo. 2009. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/o-ministerio-pastoral-esta-mais-estranho-do-que-costumava-ser-o-desafio-do-pos-modernismo/>  
Acesso em: 28 ago. 2023

BAINBRIDGE, John. **O que torna a teologia teológica?** Disponível em: <https://www.ultimo.com.br/conteudo/o-que-torna-a-teologia-teologica>. Acesso em: 10 jul. 2023.